

A Televisão e a Imaginação Infantil: Referências para o Debate

Gilka Girardello

Depto de Comunicação e
Programa de Pós-Graduação em
Educação - UFSC

Resumo: O trabalho procura revisar e problematizar as principais tendências das pesquisas produzidas nos últimos vinte anos a respeito da relação entre a televisão e a imaginação infantil, procurando extrair daí alguns referenciais que possam ser úteis à educação para as mídias em nosso país. O foco principal está nas contribuições da psicologia cognitiva, especialmente a partir da Europa e dos Estados Unidos. Mesmo considerando-se a incipiência do debate, parece ficar claro que a televisão—enquanto meio—por si só não é prejudicial à imaginação da criança, mas que terá efeitos tóxicos ou benéficos sobre ela, dependendo de seus conteúdos e linguagens, do contexto da recepção e da qualidade geral da vida da criança. Propõe-se assim que na educação para as mídias consideremos a importância da imaginação infantil, numa perspectiva integrada aos demais processos cognitivos, afetivos e sócio-culturais.

Palavras-Chave: Televisão-Imaginação-Infância

“Em meio ao dilúvio de imagens pré-fabricadas...estamos correndo o risco de perder uma capacidade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados (...) de pensar por imagens. (Italo Calvino)

“A televisão não destrói a imaginação das crianças, não! Quando vêm televisão, elas *sonham de olhos abertos!*” (Um personagem de Caro Diário, filme de Nani Moretti)

A relação entre a televisão e a imaginação infantil é um dos temas do apaixonado debate social que vem se travando desde que a TV começou a se estabelecer como foco ritual doméstico em boa parte do mundo. No Brasil, o embasamento teórico para a discussão deste tema específico é quase sempre frágil ou impressionista. A fim de nos situarmos melhor nesse cenário, vamos aqui revisar e problematizar as principais tendências das pesquisas que vêm sendo produzidas nos últimos vinte anos a respeito da relação entre a televisão e a imaginação infantil, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, procurando extrair daí alguns referenciais que possam ser úteis à educação para as mídias em nosso país.

No caso da imaginação infantil em sua relação com a TV, me parece muito mais urgente “botar lenha na fogueira” de uma discussão ainda incipiente do que propor conclusões para ela, até porque não há um consenso entre os pesquisadores.¹ Assim, o objetivo deste trabalho será expor percursos possíveis para o estudo da questão. O foco principal estará na dimensão psicológica da imaginação infantil, mas é importante lembrar que no pano-de-fundo de qualquer consideração sobre o tema deve estar a dimensão cultural da relação TV/Criança.

A preocupação com o futuro da imaginação expressa na epígrafe de Italo Calvino, acima, será uma bússola importante neste percurso, já que diversos(as) psicólogos(as) e educadores(as) têm se colocado questões semelhantes ao estudarem a relação entre a televisão e a imaginação infantil. Antes de chegarmos lá, é bom fazermos um balanço do que nos ensinam algumas das reflexões filosóficas sobre a imaginação. O próprio Italo Calvino dá a primeira pista para este raciocínio: ele conta que adorava histórias em quadrinho quando era criança, mas que não ligava muito para o texto delas, preferindo “fantasiar *em cima* das figuras, imaginando a continuação”.² Ele parece estar falando aí do fenômeno que Eva Brann

chama de “transparência da imaginação”, em que “recebemos de olhos abertos o mundo à nossa volta, ao mesmo tempo que projetamos sobre ele as cenas interiores de nosso olho mental”.³ Essa habilidade de “superpor” imagens, segundo ela, pode até ser mais aguçada em poetas e pintores, mas experimentos psicológicos demonstram por exemplo que as pessoas em geral fazem projeções imaginárias sobre slides exibidos em uma parede.⁴ A imaginação agiria assim nos interstícios da percepção, e não em seu lugar. Devemos recorrer também a Hannah Arendt e a sua reflexão sobre o conceito de “entrevisão”: olhando para as aparências “entrevemos algo que não aparece”, “temos uma ‘intuição’ de algo que nunca está presente⁵, sendo essa uma atividade característica da imaginação. Essa noção poderia nos autorizar a chamar de imaginação o que ocorre quando assistimos um filme, por exemplo; por mais concentrados que estejamos, outras cenas nos virão à mente, além das imagens na tela. São aquelas que emergem em pensamento e que só vemos com o “olho do espírito”, mesmo quando nossos olhos estão abertos e nossa retina reflete as cenas do filme. É desse exercício que fala o personagem do filme de Nani Moretti, também citado na epígrafe, quando diz que a televisão não destrói a imaginação das crianças, apenas faz com que elas “sonhem de olhos abertos”. Veremos adiante se essa idéia pode ou não ser apoiada pela pesquisa produzida nos últimos anos.

Em estudo interdisciplinar feito recentemente, procuramos listar algumas das condições que tem sido apontadas como favoráveis à imaginação infantil.⁶ Vimos que a imaginação é uma dimensão da vida da criança em que ela reage às novidades que o mundo lhe oferece, em que pressente ou esboça possibilidades futuras. Vimos também como é importante para ela a emoção imaginativa vivida através da brincadeira, das histórias e manifestações artísticas que a cultura lhe oferece e que ela recria, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta. A partir disso, procuraremos identificar como os estudos sobre o tema têm situado o papel da televisão no cotidiano imaginativo das crianças, envolvendo seus aspectos psico-culturais.

1. O debate social.

Há duas tendências básicas -- uma fortemente crítica, outra favorável--que vêm se contrapondo no debate social sobre o papel da televisão na vida da criança. No primeiro caso, e especificamente com relação à imaginação, estão autores como Jerry Mander⁷, cuja crítica apocalíptica à televisão marcou época no final dos anos 70 nos Estados Unidos, repercutindo na Europa e na América Latina. Mander alertava para o que chamava de “adormecimento” das nossas capacidades imaginativas, “submersas pelas imagens da tela”. Quando assistimos a televisão, dizia Mander, as imagens entram em nosso cérebro e lá permanecem: “não podemos mais dizer com certeza que imagens são nossas e quais vieram de lugares distantes. A imaginação e a realidade se fundiram. Perdemos o controle de nossas imagens. Perdemos o controle de nossas mentes.”⁸ O raciocínio é simplista: não só as imagens são tidas como objetos estáticos que se acomodam para sempre no cérebro, como também está presente a idéia de que antes da televisão tínhamos de fato o controle das imagens que aparecem em nossa mente. Mas a posição desse autor se fez presente em boa parte da história crítica da relação Televisão/Criança. Uma perspectiva análoga e igualmente representativa é de Jean Baudrillard. Para ele “a luz fria da televisão (...) é inofensiva para a imaginação (inclusive a das crianças), porque não contém mais qualquer imaginário, pela simples razão de que *não é mais uma imagem*”^{9 10}. Longe, porém, de defender a televisão, o que Baudrillard diz é que ela não agita o imaginário das crianças justamente porque “anestesia” a imaginação.¹¹

As referências a “anestesia” e “hipnose” nos argumentos acima são bem características de uma tendência crítica à televisão predominante a partir da década de 70¹² na qual se formula o pressuposto crítico de que a televisão asfixia a imaginação infantil, porque “tira da criança a habilidade de compor figuras em sua mente.”¹³ Esse pressuposto viria a ser investigado empiricamente por todo um corpo de pesquisas na psicologia cognitiva, especialmente nos Estados Unidos, como veremos mais adiante.

De outro lado, certa parte da crítica procurou reconhecer não só o prazer potencial e a satisfação de necessidades simbólicas que a criança encontra na televisão, como as novas habilidades cognitivas adquiridas no processo. Uma postura radical nesse sentido é a celebração do que François Mariet (1989)¹⁴ chamou de um “novo espírito televisual”, que teria abalado as raízes da cultura, exigindo que ela se tornasse mais maleável e flexível. Ele revogava a valorização da concentração, típica da educação tradicional, e explicava que a pluriatividade é hoje o

elemento natural da criança, já que diante da televisão ela “vive na simultaneidade do mundo real e do mundo televisual”¹⁵. E isso é bom, defende outro entusiasta da televisão na vida da criança, Douglas Rushkoff (1996)¹⁶. Para ele, a habilidade de montar o sentido a partir de um conjunto descontínuo de imagens é a ação de um intelecto superior, não inferior. Ele rebate as acusações de que por causa da televisão as crianças hoje têm menor capacidade de manter a atenção; para ele o que ocorre é que hoje as crianças têm uma atenção “mais larga”, a habilidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e bem.¹⁷ Na mesma linha, Mariet dizia que as crianças de hoje são “ases da bricolagem”, pois têm desde pequenas exercitado a “ginástica intelectual e perceptiva”¹⁸ de ver, ouvir e fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Outro aspecto do novo espírito televisual identificado por Mariet é a valorização da velocidade e da leveza, ou seja, o questionamento à valorização tradicional do silêncio e da calma. O rápido processamento da informação visual é uma das habilidade-chave que as crianças estão desenvolvendo, concorda Rushkoff. “As crianças processam a imagem visual da televisão diretamente, e são tão rápidas que anseiam por imagens de mais complexidade”¹⁹. Rushkoff compara a habilidade das crianças de lidarem com a multiplicidade oferecida pelos meios à estratégia do surfista ou do skatista: “assim como o oceano ou a paisagem urbana, o espaço mediático moderno também é um sistema caótico, sujeito às mesmas leis da dinâmica.”²⁰ Por isso a mídia é surfável, conclui, comparando o controle remoto à prancha através da qual o espectador-surfista pode reagir à linearidade da programação. Essa linearidade é para Rushkoff uma característica conservadora da televisão tradicional, essa sim capaz de exercer “o puxão hipnótico” sobre uma audiência passiva. Para esses autores, quanto maior a turbulência no sistema—pela multiplicidade, velocidade e simultaneidade—mais rápida será a disseminação de idéias e dados, e “mais ativa será a participação do espectador para coordená-las e tirar conclusões por si mesmo”²¹. Para Mariet, quando a criança tem liberdade na gestão de sua experiência com a TV, ela acaba criando sua própria “tapeçaria”²² de formatos, ritmos, imagens, numa relação mais ativa e individual com o meio, comparável a um passeio de “flaneur”, a um devaneio.²³ Nesse contexto, o devaneio se assemelha mais a uma perambulação meditativa, onde a criança pode decidir para que lado virar a cada esquina, do que à inércia hipnótica descrita pela outra tendência crítica.

Para darmos conta da complexidade das abordagens intermediárias a esses dois extremos, é preciso que nos voltemos para os campos específicos de estudo que têm pesquisado a relação da televisão com a imaginação da criança, como a psicologia do conhecimento.

2. TV, Imaginação e Criança: Contribuições da Psicologia Cognitiva.

Vou me concentrar aqui nas pesquisas realizadas sobre a televisão e a imaginação dentro da psicologia cognitiva nos últimos vinte anos, especialmente nos Estados Unidos, dada a fertilidade dos estudos nesse campo naquele país. Mesmo considerando que essa relação não se dá num vácuo sócio-cultural, e a consequente necessidade de cautela na transposição desses dados para outros contextos, acredito que eles possam contribuir para um entendimento mais profundo do tema no âmbito dos estudos de comunicação em nosso país.

É preciso ressaltar que a tradição da psicologia cognitiva tende a enfatizar o estudo dos *efeitos* da televisão sobre as crianças, motivada em grande parte pela ansiedade do público quanto à possível influência negativa do meio no comportamento das crianças. As teorias de recepção no campo da comunicação e da cultura deixam claras as limitações de se colocar o problema simplesmente em termos de “efeitos”, como se cada estímulo tivesse um significado singular, que geraria automaticamente uma única resposta.²⁴ Ainda assim, creio que as contribuições desse campo são instigantes e pouco conhecidas pelos(as) estudantes e produtores(as) de comunicação no Brasil.

Desde o final dos anos 70, uma pesquisa sistemática acerca dos efeitos da televisão sobre a imaginação infantil foi desenvolvida no Departamento de Psicologia da Universidade de Yale, coordenada por Dorothy e Jerome Singer, e apontando a necessidade de procedimentos de mensuração e laboratório em torno da imagética mental, considerando as possíveis transformações na imaginação em função do cinema e da televisão. Um dos primeiros artigos derivados dessa pesquisa observava:

É preciso ver se a arte do filme, do vídeo e de suas formas correlatas pode começar a gerar novas possibilidades de tradução das funções muito privadas da imaginação em formas estéticas. Provavelmente ainda não chegamos ao limite da possibilidade artística. De fato, a “dieta” de estimulação visual muito maior que caracteriza as gerações

recentes criadas com o cinema e especialmente com a televisão pode estar alterando os meios pelos quais experimentamos a consciência.²⁵

Em um estudo longitudinal sobre a influência da família e da televisão sobre a imaginação de crianças de oito anos (1984)²⁶, os autores levantam duas hipóteses sobre o efeito da televisão. De um lado, a posição de que, sendo a televisão “um aparelho contador de histórias tão vívido e envolvente”, estaria alimentando continuamente a imaginação da criança com matéria-prima para enredos, o que favoreceria uma função catártica. De outro lado, o argumento alternativo de que a atenção frequente dada ao aparelho de TV impediria na prática a brincadeira pessoal de faz-de-conta e a produção autônoma de fantasias, com efeito negativo sobre a imaginação. O estudo cobriu quatro anos de vida de 63 crianças com origem étnica social variada, através de três modalidades de teste: Rorschach, entrevistas e observação de brincadeiras com blocos de montar. De modo geral, a pesquisa confirmou a hipótese de que, especialmente no caso de crianças pequenas que assistiam intensamente a televisão, “a ação geral e o movimento vigoroso ou a violência que caracterizam a programação rotineira de televisão aparentemente não estimula o movimento do “olho interior” (...), e pode mesmo deprimir tal atividade”.²⁷

Os autores observaram que programas realistas de ação e aventura pareceram influenciar negativamente a imaginação, enquanto programas fantasiosos de ação e aventura mostraram efeito positivo. A explicação dos autores é a de que “talvez um material de ação mais fantasiosa possa ser incorporado pelas crianças sem ameaçar seu faz-de-conta privado espontâneo, enquanto a violência realista pode criar ansiedade, conduzindo apenas à imitação direta e não à elaboração lúdica interior”²⁸. Os autores concluíram também que a audiência intensiva de televisão durante os anos pré-escolares pode tomar o tempo que poderia ser dedicado à brincadeira imaginativa espontânea, estabelecendo uma dependência da televisão como fornecedora de material imagético. Ao mesmo tempo é possível, acrescentam eles, que a audiência intensiva de televisão por parte da criança pequena reflita uma atitude doméstica em que “o aparelho vira baby-sitter, e a criança passa menos tempo com adultos e consequentemente menos tempo internalizando suas características e ações para estabelecer representações internas”.²⁹

Singer e Singer identificam certos fatores familiares como favoráveis à imaginação da criança. Entre eles, um ambiente doméstico estruturado e não repressivo, onde a fantasia e a curiosidade sejam valorizadas, assim como uma vida cultural variada. Um padrão relativamente baixo de audiência de televisão é associado a esses fatores como parte de um contexto estimulante à imaginação. Em outro trabalho (1981)³⁰, os autores sugerem que a televisão possa “encorajar um certo tipo de passividade cognitiva”³¹ na criança. Eles fazem uma discussão do papel especial da brincadeira imaginativa no desenvolvimento, enquanto “uma arena de ensaio” das tarefas de socialização e amadurecimento moral com as quais a criança se depara. Eles citam estudos mostrando o papel positivo que tem sobre a imaginação infantil o contato com adulto habituado a contar histórias, que aceita a individualidade da criança e que estimula o início de brincadeiras, afastando-se a seguir.³² As conclusões do estudo indicaram, segundo Singer e Singer, que “a audiência intensiva de televisão não parece conduzir ao desenvolvimento das capacidades imaginativas de nossos pré-escolares de classe média. As crianças que mais assistem televisão tenderam a ser as menos imaginativas.”³³ As crianças identificadas na pesquisa como tendo um padrão de “audiência pesada” eram crianças de 3 a 4 anos que passavam mais de sete horas por dia vendo TV. Como ainda ficavam cinco horas por dia na escola, “tinham muito pouco tempo para explorar seu ambiente físico ou para desenvolver jogos de habilidade, regras ou faz-de-conta que podem ser uma parte tão prazerosa e adaptativa do processo de crescimento”.³⁴ Os autores verificaram ainda uma clara relação entre a audiência pesada e padrões de comportamento agressivo nas crianças. Diante disso, eles cobram uma tomada de consciência por parte da família e apontam para a responsabilidade da indústria de televisão, já que, segundo eles, há muitas possibilidades de se desenvolver programas que sejam mesmo capazes de estimular a imaginação “que ousem formatos mais lentos, mais repetição, considerável reforço positivo, mais ênfase em ajuda, partilha e amizade, além de uma ênfase mais nítida na distinção entre fantasia e realidade”.³⁵

Depois de enfatizar os possíveis riscos da televisão, eles admitem que ela pode ter um papel construtivo, e não só para as crianças carentes de estímulos e oportunidades de

informação. Eles relatam que em suas pesquisas “crianças de três e quatro anos de idade aumentaram suas habilidades imaginativas e o prazer nas brincadeiras depois de assistirem a programas [educativos]³⁶, principalmente se um adulto estava sentado com elas enquanto assistiam.” Para os autores, o acompanhamento adulto à atividade infantil de assistir televisão é o grande diferencial na qualidade imaginativa da experiência:

O pai, a mãe ou a professora preocupados(as) podem usar a ampla disponibilidade de personagens e aventuras interessantes, ajudando a criança a incorporar esse material na brincadeira e no auto-entretenimento. (...) As mídias podem assim (...) nutrir a imaginação em vez de substituí-la.³⁷

Em estudos posteriores, a equipe coordenada por Dorothy e Jerome Singer atribuiu ainda mais importância ao contexto na relação entre a televisão e a imaginatividade da criança. (A imaginatividade é definida como “a medida do quanto a criança transcende as limitações da realidade em sua brincadeira”³⁸, incluindo por exemplo o uso de um objeto para simbolizar outro.) A conclusão geral é a de que a imaginatividade liga-se diretamente ao contexto da geral da criança, em especial a seus afetos positivos, à sua vivacidade e ao uso extensivo da linguagem, mas não apresenta relação significativa com a exposição à televisão, se isolada dos outros fatores.³⁹

Uma posição mais francamente favorável à televisão é a do psicólogo Howard Gardner, que estudou por mais de vinte anos os aspectos cognitivos da criatividade.⁴⁰ Segundo ele, assim como no passado a imaginação das crianças era estimulada por fatos e personagens dos contos narrados à beira do fogo, e mais tarde pelas histórias e ilustrações dos livros, hoje são os heróis da televisão e suas aventuras que servem de matéria-prima e estímulo para a fantasia. “A imaginação da criança apanha essas figuras da tela da televisão e, com seus métodos misteriosos, modela os desenhos e histórias de seu mundo de fantasia.”⁴¹ Se a criança tiver os materiais necessários, como canetas, lápis-de-cor, argila e fantoches, garante ele, ela irá se inspirar nas imagens da televisão, mas produzirá suas próprias criações. Assim, diz Gardner, não só a televisão não atrofia a imaginação, como promove o seu florescimento. E não há, segundo ele, como responder com evidências aos “céticos” que disserem que qualquer fonte de imagens teria o mesmo efeito liberador, porque não temos meios de saber como seria hoje a imaginação das crianças sem televisão. Gardner relata em tipo de pesquisa realizada para conhecer melhor o papel da televisão no estímulo à imaginação: um grupo de crianças é apresentado à “mesma história” através de meios diferentes, como cinema, rádio e livros de figuras. Em certos momentos da apresentação, pede-se às crianças que façam desenhos, que seriam indícios das “imagens mentais” sugeridas às crianças pelas histórias. Esses estudos têm concluído, diz Gardner, que “não é que um meio promova a imaginação enquanto o outro a bloqueia: cada meio pode estimular a imaginação, mas tende a fazê-lo de modos caracteristicamente diferentes.”⁴² O rádio, por exemplo, tende a estimular composições mais atentas aos efeitos de linguagem, com imagens mais fixas e acabadas, enquanto a televisão tende a estimular desenhos que sugiram dinamismo, com grande variedade de expressões faciais.

Estes resultados, segundo Gardner, “inocentam a televisão da acusação de que ela destrói ou reduz radicalmente a imaginação da criança.”⁴³ Um meio ainda melhor de aferir o papel positivo da televisão, acrescenta ele, seria dar à criança a oportunidade de atuar como diretora de cinema, já que talvez “a habilidade central inculcada pela televisão seja a habilidade de planejar e ‘redigir’ cenas dramáticas”⁴⁴ Um exemplo disso são as brincadeiras dramáticas em que as crianças tão frequentemente revivem episódios emocionantes de programas de tevê, diz o autor.

A tese de que cada meio age de forma diferente sobre a imaginação é central também no trabalho de Patricia Marx Greenfield⁴⁵, que desenvolveu uma série de trabalhos em torno da imaginação da criança nos novos contextos tecnológicos. Ela também destaca a importância da mediação adulta, responsável por descobrir qual o melhor nicho na vida da criança para as diferentes oportunidades de aprendizado e desenvolvimento humanos oferecidas pelos meios de comunicação, de modo a que eles possam “contribuir para um sistema criativo de educação multimídia.”⁴⁶

Um foco principal das pesquisas de Greenfield é a investigação das diferenças entre o rádio e a televisão no estímulo à imaginação. Ela procurou checar a hipótese de que o rádio estimularia mais a imaginação, porque o ouvinte teria que criar imagens mentais pessoais, ligadas a sua memória e experiência. Sua equipe realizou um estudo com crianças de primeiro

grau, apresentando a cada uma delas uma história em formato radiofônico, e outra história num formato de televisão. As histórias eram interrompidas um pouco antes do final, e pedia-se às crianças que as continuassem. Era medido o grau em que as crianças introduziam em suas finalizações elementos que não tinham aparecido nas histórias que elas tinham visto ou ouvido. Na avaliação dos finais criados, era contado o número de “palavras imaginativas”, ou seja, aquelas que não “ecoavam” as palavras ou imagens da história. Foi também aferida a frequência de eventos, personagens e cenários considerados imaginativos. Os finais inventados para as histórias assistidas em vídeo continham 89% de “palavras imaginativas”, enquanto os finais das histórias apenas ouvidas continham 97%. Como além disso as histórias em áudio deram origem a finais inventados mais extensos, os autores concluíram que “as crianças mostravam mais imaginação nas histórias que se seguiam às apresentações de rádio do que às apresentações de TV.”⁴⁷

Mas essa conclusão é questionável, observam Daniel Anderson e Patricia Collins, em um balanço da pesquisa sobre Televisão e Criança feito para as autoridades federais de Educação dos EUA⁴⁸. Eles argumentam que talvez os finais das histórias assistidas pela televisão não fossem menos imaginativos, “apenas mais sucintos e menos repetitivos”, pois já que as versões audio-visuais continham mais informação, haveria menos o que completar. A pesquisa de Greenfield e sua equipe especula que com o tempo a exposição repetida a histórias na televisão tenderia a tornar as crianças menos imaginativas. A réplica de Anderson e Collins é que os resultados da pesquisa poderiam estar apenas sugerindo que quando as crianças recebem mais informação através de uma história, tendem a usar essa informação na criação do final pedido. Esta é uma questão a respeito da qual a pesquisa empírica neste campo não deu uma resposta final.

Greenfield admite que as influências dos meios sobre a imaginação não são simples e nem sempre adversas. Ela comenta por exemplo um outro estudo⁴⁹ sobre a diferença no potencial de cada meio para estimular a imaginação: também foi pedido que as crianças fizessem desenhos a partir de histórias ouvidas no rádio, na televisão e em livros; concluiu-se que as crianças fizeram tipos diferentes de desenhos, de acordo com o meio que os motivou: A versão em rádio estimulou desenhos mais imaginativos, no sentido de que as crianças escolheram uma variedade maior de conteúdos da história para representar graficamente, e incorporaram mais conteúdos exteriores à história em seus desenhos. No entanto, se considerarmos não a originalidade dos desenhos, mas sua qualidade, então as crianças expostas à televisão e aos livros ilustrados tiveram mais sucesso.

Greenfield levanta uma outra questão que liga a pesquisa sobre imaginação ao debate social sobre violência na televisão. Se o rádio estimula a imaginação mais que a televisão, sugere, é porque ele deixa lacunas visuais para o ouvinte preencher com a imaginação, como acontece na experiência da leitura de livros. Para isso é necessário que a criança tenha conhecimento e experiência anteriores, que usará nesse preenchimento imaginário de lacunas. No caso de temas dos quais as crianças não têm a experiência necessária, os meios predominantemente verbais—como o livro ou o rádio—, por deixarem tanto para ser preenchido pela imaginação, se ajustam ao nível da criança que escuta ou assiste: “Se as crianças lêem um livro que vai além de sua experiência em sexo ou violência, elas podem simplesmente imaginá-lo “errado” ou não imaginá-lo”, ao contrário do que ocorre diante da televisão⁵⁰. Greenfield destaca que apesar de a televisão ter o seu valor na educação e na socialização, a criança também precisa de outras experiências, e deve ser encorajada a usufruir de meios variados, para o estímulo de sua reflexão e de sua imaginação.⁵¹

O relatório Anderson&Collins (1988) referido acima, procurou checar o que já havia sido investigado cientificamente sobre os efeitos da televisão. Da análise extensiva das pesquisas realizadas até então sobre tevê, criatividade e imaginação, os autores concluíram o seguinte:

A televisão pode exigir menor uso produtivo das capacidades imaginativas do que ouvir uma história. No entanto, não foi demonstrado que com o tempo esta experiência diminua a capacidade imaginativa. Além disso, não há evidência de que o produto imaginativo inspirado pela televisão seja de qualidade imaginativa mais pobre do que aquele inspirado pelo rádio. Em geral, a televisão não parece interromper o desenvolvimento da brincadeira de fantasia e a imaginatividade. De fato, sua incorporação como experiência cultural comum na brincadeira em grupo de pré-escolares pode facilitar a formação de amizades, promover a brincadeira dramática e acrescentar variedade à brincadeira. Um estudo indicou que fantasias desagradáveis podem estar relacionadas a altos níveis de audiência. A direção desta causalidade não foi no entanto estabelecida, e a conclusão do estudo deve ser repetida com

medidas de exposição à televisão mais detalhadas antes que possamos atribuir-lhe maior confiança.⁵²

Na pesquisa em psicologia sobre a relação entre criança, TV e imaginação nos últimos anos, a atribuição dos efeitos da televisão ganha complexidade, passando a ser vista necessariamente como resultado de múltiplos fatores, especialmente o conteúdo da programação. Em um estudo realizado na Holanda em 1992, por exemplo, Patti Valkenburg⁵³ e seus colegas confirmam que há pouca evidência de que assistir televisão por si só iniba o desenvolvimento das habilidades imaginativas e da fantasia interior das crianças, e que programas não-violentos podem ser até benéficos para a fantasia. Ao mesmo tempo, recuperam elas, diversos estudos têm mostrado que programas com muita ação e violência podem inibir o desenvolvimento da fantasia das crianças. Uma explicação possível seria que a excitação produzida por esses programas incentive um comportamento impulsivo que não leva ao pensamento sequencial e ao planejamento necessário para a brincadeira e a fantasia interiores.⁵⁴ A pesquisa empírica realizada pelos autores confirma que a questão-chave é o conteúdo dos programas. Depois de estudarem 354 crianças holandesas na segunda e na quarta séries primárias, e de acompanharem-nas ao longo de dois anos, eles concluíram que “programas violentos estimulam fantasias “agressivo-heróicas”, enquanto programas infantis não-violentos promovem um estilo de fantasia “positiva-intensa”.⁵⁵

A equipe de Valkenburg estudou a influência da televisão no devaneio infantil, esse “sonhar de olhos abertos” que é por eles considerado “um pré-requisito do desenvolvimento cognitivo e intelectual normal.”⁵⁶ Durante o devaneio, “as crianças têm a oportunidade de trabalhar a informação, recombina-la, reorganizá-la; de ensaiar suas experiências; e de explorar suas opções de comportamento futuro.”⁵⁷ Ao contrário das hipóteses de Singer (1980) de que a televisão reduziria o devaneio na criança porque ela recebe as imagens prontas, Valkenburg e Van der Voort verificaram em sua pesquisa que as crianças têm grande facilidade em devanear *enquanto* assistem televisão.⁵⁸

Conclusões:

Uma primeira conclusão desse corpo de pesquisas é a necessidade de se examinar de forma integrada os diversos fatores que interagem durante a atividade imaginativa da criança que vê televisão. O papel da TV depende de como ela se encaixa na vida particular da criança, e da qualidade geral de seu cotidiano. Os três fatores desse cotidiano que os pesquisadores consideraram mais importantes: a extensão do tempo que a criança passa assistindo a tevê; o tipo de mediação adulta; e o conteúdo da programação.

O tempo que a criança passa assistindo a tevê aparece como fundamental na influência do meio sobre a imaginação. Desde as primeiras pesquisas empíricas na área, o risco de passividade cognitiva esteve sempre associado à audiência intensiva, como o caso já citado das crianças de 3 e 4 anos que assistiam a tevê mais de sete horas por dia. Quando crianças pequenas que assistem a tanta televisão demonstram tendências agressivas, não se pode atribuir toda a responsabilidade à televisão por um fracasso do contexto social em que a criança vive de lhe proporcionar outros estímulos e companhia. Não é difícil imaginar que muitas crianças de três anos que ficassem todos os dias por mais de sete horas fechadas numa sala, sem a companhia de outras crianças e sem atenção adulta, acabassem manifestando alguma tendência agressiva ou anti-social, com ou sem televisão. Todos os estudos a que tive acesso em que a televisão aparece como prejudicial às habilidades cognitivas da criança—inclusive a imaginação—se referem a casos de audiência intensiva, um padrão que só tende a se estabelecer em contextos já fragilizados por outros problemas.

No caso de padrões de audiência relativamente baixos, a mediação adulta aparece como o grande diferencial na qualidade imaginativa da experiência da criança com a televisão. A televisão pode mesmo nutrir a imaginação, concordam os autores, se a experiência for guiada por uma pessoa adulta, que ajude a encontrar o melhor nicho para ela na vida da criança, e também a assistir criticamente e a compreender a linguagem do meio, suas riquezas e limitações.

O outro fator que aparece como determinante nas pesquisas é o conteúdo do que a criança assiste na televisão. Nesse sentido, o maior fator limitante à imaginação parece o excesso de ação *violenta*. O formato da programação também tem influência: programas de ação e aventura com tratamento fantasioso tendem a estimular a imaginação, enquanto os mesmos temas em tratamento realista tendem a deprimir a imaginação. Enquanto temas pesados ou dramáticos na forma de fantasia são facilmente incorporados ao *faz-de-conta*, a violência realista deixa as crianças ansiosas, dificultando a “elaboração lúdica interior”. As pesquisas mais recentes confirmam que muita

ação e violência na televisão podem inibir o desenvolvimento de fantasias agradáveis nas crianças, e estimular fantasias de agressividade.

Enquanto a hipótese predominante na psicologia cognitiva do início dos anos 80 era a de que assistir televisão tomava o lugar da brincadeira imaginativa, as pesquisas mais recentes mostram, ao contrário, que o conteúdo da televisão é incorporado à brincadeira, sendo os heróis, heroínas e aventuras da tevê usados como matéria-prima da vida de fantasia das crianças. Isso acontece inclusive durante a própria experiência, já que as crianças brincam e devaneiam com frequência *enquanto* assistem televisão.

Chegamos aí a um momento em que podemos parar essa revisão e olhar para trás. Na abertura do trabalho, lembramos o personagem do filme *Caro Diário*, para quem as crianças “sonham de olhos abertos” na frente da televisão. Vimos depois a caracterização das crianças como zumbis hipnotizados na frente da tela azulada que lhes implanta sonhos alheios na mente. Depois, o devaneio meditativo da criança que passeia pelas paisagens televisuais, munida do controle remoto que lhe permite negociar cada cena como o surfista negocia cada onda. O sonho - de olhos abertos ou fechados - é uma metáfora recorrente na descrição adulta da atividade da criança que vê televisão, de ambos os lados do debate. Pode ser porque a vertigem da entrega ao fluxo de imagens da televisão—especialmente quando não se usa o controle remoto—se aparente à vertigem do sonho, em que não há controle consciente sobre as imagens que irrompem, e que parecem às vezes tão alheias ao “eu” de quem sonha. E a conclusão da pesquisa de Völkner—de que as crianças devaneiam muito na frente da tevê -- ajuda a entender o caso, pois mostra que o sonhar acordado faz parte da experiência de assistir televisão.

Confirma-se então que a televisão—enquanto meio—por si só não é prejudicial à imaginação da criança. Seus efeitos tóxicos ou benéficos dependem de seus conteúdos e linguagens, do contexto da recepção e da qualidade geral da vida da criança - física, afetiva e poética—não podendo ser isolados dos demais processos sócio-culturais.

Vimos que o debate social sobre a televisão e a criança está colocado sobre uma diferença de perspectiva histórica, que põe de um lado os que temem que as novas gerações cheguem desfalcadas ao futuro, e do outro os que, ao contrário, argumentam que as crianças, ao adquirirem novas habilidades cognitivas no ambiente dos meios de comunicação, poderão saber mais do que as gerações precedentes. Uma “mudança nos modos como percebemos a consciência”⁵⁹ já era indicada por Singer em 1981 como um possível efeito dos meios audio-visuais sobre a imaginação. Baseava-se na mesma intuição a preocupação de Italo Calvino com o futuro da imaginação que vem norteando essa pesquisa. O trabalho empírico da psicologia cognitiva nos últimos anos pode sugerir que Calvino não teria o que temer nesse sentido, já que em situações adequadas as crianças imaginam enquanto vêem televisão, e depois ainda recriam as imagens da TV no seu faz-de-conta, elaborando-as e fazendo-as suas.

Mas, se não é ainda o apocalipse, também há razões para duvidarmos de que se trate da mutação gloriosa e homogênea anunciada por autores como Rushkoff e Mariet. A descrição que eles fazem de um futuro anti-apocalíptico tem o mérito de dispersar o pânico em nosso olhar para o presente das crianças que convivem com a TV. Só que ela não nos ajuda muito a compreender o papel da televisão na vida de crianças como as das periferias urbanas ou dos confins rurais do Brasil, que não rumam no mesmo passo para o futuro luminoso do surfe entre diferentes mundos eletrônicos, com acesso instantâneo à sabedoria dos séculos em suportes de cada vez mais última geração. Por mais promissores que pareçam os novos horizontes da interação tecnológica, são comparativamente poucas as crianças brasileiras com acesso aos computadores e videogames. Quase sempre, é ainda o aparelho de tevê, no canto mais nobre das casas, que anima os dias e as noites das famílias, com enormes consequências para o modo como adultos e crianças vêem e imaginam o mundo.

Para compreendermos melhor essas mudanças, temos que pensar em como a experiência da TV se liga concretamente ao cotidiano imaginativo das crianças, levando em conta a cultura em que elas vivem. Os dois pólos radicalmente “contra” e “a favor” caracterizados anteriormente, de certa forma se esquivam ao desafio de intervir na situação: a posição de que a televisão anestesia a imaginação da criança pode lavar as mãos diante do que combate, não precisando se comprometer com investimentos na transformação das linguagens, conteúdos e contextos de recepção, nem com o aguçamento da capacidade de compreender os anseios dos que habitam o lado de lá do fosso de gerações; a outra posição, que alegremente celebra o advento da nova espécie humana, “equipada com dispositivos de última geração”, igualmente não precisa traçar estratégias para interferir na situação, pois lhe satisfaz o rumo que o processo segue. Uma terceira posição, que procura considerar os matizes e complexidades da mudança, é a que mais acarreta responsabilidades e desafios, e é com ela, na perspectiva de uma educação para as mídias que leve em conta a importância da imaginação, que esta revisão espera ter contribuído.

- ¹ Valkenburg, Patti: "Television and the Child's Developing Imagination", em Dorothy e Jerome Singer (orgs.): *Handbook of Children and the Media*, Sage, EUA, 2001; p.121.(Obs: esta e as demais traduções são minhas)
- ²Italo Calvino, *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, p. 109, Cia das Letras, São Paulo, 1990.
- ³Eva T.H.Brann, *The World of Imagination: Sum and Substance*, p.776.Rowman & Littlefield, Maryland,1990. Grifo meu.
- ⁴Trata-se do clássico efeito Perky, explica Brann; p.776.
- ⁵Hannah Arendt, "Da Imagem", em *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*, p.102. Tradução de André Duarte de Macedo, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993.
- ⁶Gilka Girardello, *Televisão e Imagem Infantil: Histórias da Costa da Lagoa*. Tese de Doutorado, ECA/USP, 1998.
- ⁷Jerry Mander, *Four Arguments for the Elimination of Television*, Quill, Nova York, 1978.
- ⁸idem, p.260.
- ⁹Jean Baudrillard, "Holocaust", em *Simulacra and Simulation*, p. 51.The University of Michigan, 1994.
- ¹⁰idem, p.51.
- ¹¹Jean Baudrillard, "Televisão/Revolução: O Caso Romênia", em *Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual*, org. André Parente, editora 34/ Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993.
- ¹²Da qual também fazem parte obras como as de Marie Winn (*The Plug-in-Drug*¹²) e Erausquin, Matilla e Vázquez (*Os teledependentes*¹²),
- ¹³Dorothy Cohen, do Bank Street College of Education, citada por Luiz Monteiro Teixeira, em *A Criança e a Televisão: Amigos ou Inimigos?*, p.17, Loyola, São Paulo, 1987.
- ¹⁴François Mariet: *Laissez-les regarder la Télé: Le nouvel esprit télévisuel*, Calman-Lévy, França,1989.
- ¹⁵idem, p.226.
- ¹⁶Douglas Rushkoff: *Playing the Future: How Kids' Culture can Teach us to Thrive in an Age of Chaos*, Harper Collins, Nova York, 1996.
- ¹⁷idem, p.50
- ¹⁸Mariet, p.223.
- ¹⁹Rushkoff, p. 50-51.
- ²⁰idem, p.38-39.
- ²¹idem, p.51.
- ²²Mariet, p.225.
- ²³idem, p.11.
- ²⁴Cf. David Buckingham, *Moving Images: Understanding Children's Emotional Responses to Television*, Manchester University Press, Manchester e Nova York, 1996, pp. 5-6.
- ²⁵idem, p.9.
- ²⁶Jerome L. Singer, Dorothy G. Singer e Wanda Rapaczynski, "Children's Imagination as Predicted by Family Patterns and Television Viewing: A Longitudinal Study", em *Genetic Psychology Monographs*, 110, 43-69, 1984.
- ²⁷idem, p.66.
- ²⁸idem.
- ²⁹idem.
- ³⁰Jerome L. Singer & Dorothy G. Singer, *Television, Imagination and Aggression: A Study of Preschoolers*. Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, Nova Jersey, 1981.
- ³¹idem, p.2.
- ³²idem, p.6.
- ³³idem, p.152.
- ³⁴idem, p.153.
- ³⁵idem, p.155.
- ³⁶Os autores citam o programa *Mr Rogers' Neighborhood*, da Public Television Network.
- ³⁷idem, p.80.
- ³⁸Tower, R., Singer, D., Singer, J.& Biggs, A., "Differential effects os television programming on preschooler's cognition, imagination and social play", *American Journal of Otrhopsychiatry*, 49, 265-281, 1979. Citado por Daniel R. Anderson e Patricia A. Collins, em "The Impact on Children's Education: Television's Influence on Cognitive Development", Office of Educational Research and Improvement, U.S. Department of Education, 1988.
- ³⁹Daniel Anderson e Patricia Collins, op.cit.
- ⁴⁰idem, p.252.
- ⁴¹idem, p.254.
- ⁴²idem, p.255.

⁴³idem, p.256.

⁴⁴idem, p.256.

⁴⁵Patricia Marx Greenfield, *Mind and Media: The effects of television, video games , and computers*. Harvard University Press, Cambridge, MA, 1984.

⁴⁶idem, p.7.

⁴⁷idem, pp.88-91

⁴⁸Daniel R. Anderson e Patricia Collins, *The Impact on Children's Education: Television's Influence on Cognitive Development*, p.56, Working Paper No.2, Office of Educational Research and Improvement, U.S. Department of Education, 1988.

⁴⁹L. Meringoff, et alii, "How is children's learning from television distinctive? Exploiting the medium methodologically", em *Research on attention and comprehension*, org. J. Bryant e D.R.Anderson, pp 151-180, Academic Press, Nova York. Citado em Greenfield, op.cit.

⁵⁰idem.

⁵¹idem, pp.93-94.

⁵²Daniel R. Anderson e Patricia A. Collins, *The Impact on Children's Education: Television's Influence on Cognitive Development*. Office of Educational Research and Improvement. U.S. Department of Education. Abril de 1988.

⁵³Patti M. Valkenburg, Marcel W. Vooijs, Tom H. A. Van Der Voort e Oene Wiegman, *The Influence of Television on Children's Fantasy Styles: A Secondary Analysis*", em *Imagination, Cognition and Personality*, vol.12(1), 55-67, 1992-93.

⁵⁴Como já haviam sugerido Singer, Singer e Rapaszinski, (1984), op.cit.

⁵⁵Valkenburg et alii, op.cit., p.63.

⁵⁶Patti M. Valkenburg e Tom H. A. Van der Voort, "The Influence of Television on Children's Daydreaming Styles: A 1-Year Panel Study", em *Communication Research*, vol. 22, No.3, 267-287, junho de 1995.

⁵⁷idem, p.268.

⁵⁸Patti Valkenburg e Tom H. A. van der Voort: *Influence of Television on Daydreaming and Creative Imagination: A Review of Research*, em *Psychological Bulletin*, 116, 316-339. 1994. Citado em Valkenburg e van der Voort , 1995, op.cit.

⁵⁹Singer, 1981, op.cit., p.9.